



Educação em Revista - UFMG

ISSN: 0102-4698

revista@fae.ufmg.br

Universidade Federal de Minas Gerais

Brasil

Fernandes Ariosi, Cinthia Magda
EVENTOS ARTÍSTICO-CULTURAIS E PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA DE
EDUCAÇÃO INFANTIL
Educação em Revista - UFMG, vol. 29, núm. 3, septiembre, 2013, pp. 89-118
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399360935005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

EVENTOS ARTÍSTICO-CULTURAIS E PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Cinthia Magda Fernandes Ariosi*

RESUMO: Eventos culturais que estimulam a participação da família na escola são a ideia central deste texto. Esses eventos são *Reggio Narra* (Reggio Emilia) e *Cantiamo* (Pistoia). O objetivo foi analisar a contribuição dessas atividades culturais para efetivação de uma prática participativa da família no cotidiano da escola. Nesse debate, foram utilizados os escritos de Campos (1998); Faria (1995); Corrêa (2006); Paro (2008); Malaguzzi (1971); Ghedini (1993); Catarsi (2008), dentre outros referenciais. Os dados foram coletados, em 2009, por meio de entrevistas, depoimentos e pesquisa bibliográfica e documental. A amostra foi composta por pessoas envolvidas no processo de realização das atividades. As cidades estão localizadas na região norte da Itália. Os eventos foram preparados por toda a comunidade escolar e acontecem anualmente em espaços públicos dos dois municípios, atingindo toda a população. A participação familiar no ambiente escolar gera a participação cidadã e, consequentemente, propostas de políticas de valorização da infância pela municipalidade.

Palavras-chave: Participação; Educação Infantil; Cultura.

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP/Marília); Orientadora de disciplina na Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP/Bauru); Professora de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Bauru. E-mail: cinthiamagda@yahoo.com.br

ARTISTIC-CULTURAL EVENTS AND PARTICIPATION IN THE FAMILY SCHOOL OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT: Cultural events that encourage family participation in school are the central idea of this text. These events are ReggioNarra (Reggio Emilia) and Cantiamo (Pistoia). The purpose was to analyze the contribution which these cultural activities for realization of a family participatory practice in everyday school. In this discussion, we used the writings of Fields (1998), Faria (1995), Correa (2006), Paro (2008); Malaguzzi (1971); Ghedini (1993); Catarsi (2008), among other references. Data were collected, at 2009, through interviews, depositions and documentary and bibliographical research. The sample was composed by people involved in the process of performing activities. The cities are located in North Italy. Events are prepared throughout the school community and take place annually in public spaces of the two cities reaching the entire population. Familiar participation in school environment generates citizen participation and generates recovery policies proposed by the municipality of childhood.

Keywords: Participation; Early Childhood Education; Culture.

Introdução

A cultura infantil é uma esfera onde o entretenimento, a defesa de idéias políticas e o prazer se encontram para construir concepções do que significa ser criança – uma combinação de posições de gênero, raciais e de classe, através das quais elas se definem em relação a uma diversidade de encontros. (GIROUX, 1995, p.49).

Neste trabalho, abordou-se o processo de participação familiar nas instituições de educação infantil italianas suscitadas por meio de eventos culturais promovidos pela comunidade escolar que envolvem toda a população da cidade. A questão norteadora dessa investigação foi: como os eventos *ReggioNarra: La città delle storie* (Reggio Emilia) e *Cantiamo: per La gioia di cantare insieme* (Pistoia) favorecem e constroem a participação da família na escola de educação infantil nessas cidades? Os objetivos deste trabalho foram: verificar os aspectos que contribuem para a consolidação da proposta de participação na escola de educação infantil a partir dessas experiências italianas; investigar como a participação nesses eventos favorecem a construção de uma prática cidadã e identificar como a escola de educação infantil pode transcender seus muros, apresentando-se à sociedade como uma etapa importante da educação básica. Nesse sentido, refletir-se-á sobre a participação familiar em eventos culturais como base para a participação cidadã, pois

a experiência dos conselhos de gestão das creches da Emilia-Romagna não está dissociada da intenção de integrar a educação das crianças pequenas no contexto de participação política que caracteriza os governos locais nessa região da Itália. [...] O envolvimento dos pais é peça essencial dessa dinâmica, o que faz com que esse trabalho de aproximação creche-família-bairro ganhe conteúdo, tanto político e social, como pedagógico e difusor da “cultura da infância”. (CAMPOS, 1998, p.326).

Campos (1998, p.328) salienta, ainda, que

em sociedades mais homogêneas, como a sueca e a da região da Emilia-Romagna, a importância do ambiente cultural expressa-se na integração das diversas tradições artísticas, antigas e mais modernas, urbanas e rurais, de diferentes meios sociais ou localidades, [...] dos personagens míticos e dos clássicos da literatura infantil é realizada de diversas formas, possibilitando muitas vezes a integração entre as creches e as famílias.

Os eventos analisados neste artigo se desenvolveram em duas cidades da região da Emilia-Romagna, na Itália: Pistoia e Reggio Emilia. Pistoia é uma pequena cidade da região da Toscana, com aproximadamente 90 mil habitantes e economia baseada na fabricação de vagões de trem e ônibus e no cultivo de árvores ornamentais. Vive um período de grande motivação dos pais para a participação nos serviços junto à primeira infância; também é uma cidade com forte vocação musical. A outra cidade é Reggio Emilia, escolhida por ser a pioneira na promoção da participação comunitária na gestão escolar de educação infantil, ainda na década de 1960, e por ser uma experiência reconhecida mundialmente que, segundo informações apresentadas na reunião do *Interconsigli*,² já tem convênios de troca de experiência e teoria com grupos de 102 países.

A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2009, utilizando como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica em livros, periódicos, documentos eletrônicos, dissertações e teses, referentes ao tema na Itália. Também realizou-se uma pesquisa nos documentos oficiais dos órgãos legislativos italianos relativos a questões educacionais voltadas à primeira infância. Entre as legislações estudadas, analisaram-se os regulamentos das cidades pesquisadas. Foram feitas entrevistas com representantes dos diferentes segmentos sociais existentes nos sistemas de ensino infantil na Itália. Neste trabalho, os dados serão apre-

sentados sob a seguinte denominação: Pedagogista³ A (Pistoia), Pedagogista B (Reggio Emilia), Professora A (Pistoia) e Mãe A (Reggio Emilia). E, finalmente, foram analisados depoimentos apresentados na reunião de encerramento do ano letivo 2008/2009 dos *Consigli Infanzia Cittá*,⁴ na reunião do *Interconsigli*,⁵ realizado no *Centro Internazionale Loris Malaguzzi*.

Este artigo está inserido em uma pesquisa maior que abordou a organização do trabalho pedagógico e gestão de escolas municipais de educação infantil. O objetivo da pesquisa era analisar as políticas educacionais nacionais propostas para a educação infantil, identificando as mudanças ocorridas a partir na década de 1980 no Brasil (Bauru-SP) e na Itália, na região central e setentrional, especificamente quanto ao aspecto da organização do trabalho pedagógico institucional com foco na gestão das escolas. É necessário reforçar que a intenção deste estudo não foi comparar as duas realidades, mas encontrar pontos de aproximação e distanciamento, pois entende-se que não há pontos em comum suficientes para que a comparação seja adequada e neste artigo se quer abordar a realidade italiana, deixando para os leitores a possibilidade de realizar suas próprias aproximações e distanciamentos com a realidade brasileira além das apresentadas neste texto.

Acredita-se que a experiência italiana, de mais de 30 anos, pode dar indicativos importantes para que a construção da cultura da participação nas escolas da educação infantil no Brasil, como orienta um documento recém-apresentado pelo Ministério da Educação (MEC).

É muito importante a participação ativa dos pais no cotidiano das instituições de Educação Infantil. Essa relação deve ser de parceria, de trocas, de corresponsabilidade no cuidar e educar das crianças, para que haja coerência nas ações entre eles e, dessa forma, a criança seja beneficiada.

Deve-se envolver os pais na organização das instituições, nas decisões relativas à organização das propostas e do trabalho cotidiano, bem como, trazê-los para vivenciar o cotidiano da instituição. Para isso, é preciso oferecer momentos de socialização e reflexão sobre o que é cuidar e educar, sobre as etapas do desenvolvimento humano, sobre a proposta pedagógica institucional, sobre a inclusão e a diversidade. (BRASIL, 2013, p.11).

Dessa forma, este texto foi desenvolvido com o propósito de demonstrar como eventos culturais iniciados na escola podem transcender seus muros e levar para toda a população da cidade momentos de cultura e, acima de tudo, participação, envolvimento e reconhecimento da importância da escola de educação infantil e das famílias na construção de um caminho coletivo e participativo de apoio à criança.

Fundamentos da participação da família nas escolas de educação infantil italianas

Os serviços para a infância na Itália estão alicerçados na comunidade local e com ela têm desenvolvido um relacionamento de estreito vínculo, diálogo e colaboração. Isso acontece nas creches e escolas de infância mantidas pelos municípios, que tiveram seu desenvolvimento a partir dos primeiros anos da década de 1970, segundo Galardini (2003a).

As intervenções da comunidade local na vida da escola produzem soluções que respondem aos problemas existentes e favorecem inovações na prática educativa cotidiana. O termo comunidade local engloba todos os envolvidos com a escola, e, principalmente, os alunos e suas famílias. A colaboração das famílias é significativa, não só para apoiar de modo adequado a criança, mas também pela troca e pela riqueza das experiências que coloca à disposição das creches e das escolas, pois, quando a família se aproxima da escola, traz informações, saberes e vivências que oferecem à equipe escolar elementos que permitem compreender melhor as situações cotidianas envolvendo sua criança. Também pode oferecer aos educadores seus saberes profissionais, contribuindo com o enriquecimento das práticas pedagógicas desenvolvidas naquela unidade educativa. Segundo Galardini (2003b), a participação da comunidade na vida do serviço educativo pode se desenvolver de diversas formas, considerando sua disponibilidade e a competência pessoal de cada família. A participação pode ser por meio de ações e respostas às solicitações quanto ao recolhimento de material a ser utilizado pelas crianças; à preparação de alguma coisa de útil; à realização de pequenos trabalhos enriquecedores dos espaços dos serviços. Trata-se de presenças que deixam marcas.

A relação entre os serviços para a infância e a comunidade pode ser abordada a partir de dois pontos de vista, como apresenta Galardini (2003a). Por um lado, pode-se examinar o tipo de relação entre a família e o serviço, significando considerar como se constrói no serviço um ambiente favorável não apenas à criança, mas também à família dela. Por outro lado, pode-se considerar, em um sentido mais amplo, as respostas que uma comunidade em particular disponibiliza em relação às necessidades expressas pelas famílias. Quando se refere ao primeiro aspecto, significa voltar à história da participação dos pais na vida dos serviços. Essa história é caracterizada pela busca de uma modalidade sempre mais contínua para relacionar educadores e pais com o objetivo de partilharem saberes, sentimentos e comportamentos com e sobre as crianças. O segundo aspecto se volta à responsabilidade que a comunidade tem para com as crianças, ou seja, quais são suas escolhas políticas para a infância. Trata-se de um problema cultural complexo que evidencia o modo como a sociedade vê a criança, o investimento feito na infância e as expectativas que ela tem.

Ghedini (1993) afirma que os espaços de participação dos pais nos serviços de infância devem ser fortemente garantidos, como é o caso da gestão social,⁶ porém, a participação democrática dos pais deve ir além do processo formal de espaços reservados para as famílias, abrangendo situações de colaboração que possam invocar as capacidades dos pais oferecendo oportunidades e instâncias de diálogo e trabalho conjunto.

As relações estabelecidas por meio dessa cultura de participação italiana são a base de uma prática democrática, uma vez que todas as entrevistadas confirmam que são realmente democráticas as bases da gestão social. Seguem algumas das respostas mais significativas. A entrevistada de Pistoia, quando questionada sobre a opinião dela quanto ao fato de a gestão social ser uma prática democrática, fez uma comparação entre o que era e o que é atualmente, respondendo assim:

Agora devo dizer que sim. Primeiro era mais um órgão burocrático que parecia acontecer porque era uma boa norma para fazer o serviço se concretizar, por fim participavam de modo muito básico. [...] Era um órgão burocrático e não um órgão que dava um contributo de um ponto de vista prático. Agora, para mim, ao contrário, ao menos aqui para nós, funciona muito bem esse aspecto. Devo dizer que as famílias se mantêm dentro de

maneira ativa. Pois como já disse antes, preocupamo-nos em envolvê-las na vida cotidiana. Eles não querem participar de encontro fictício, querem participar de nossa vivência cotidiana, de coisas que são inerentes à nossa realidade, à nossa situação. Dessa forma, os pais se sentem dentro do processo e participam de forma sábia. (PROFESSORA A, 2009).

Uma *pedagogista* de Reggio Emilia ratificou o que foi mencionado, concluindo a questão da seguinte forma:

Para nós, a partir das crianças, acreditamos no grande valor da democracia, que se faz com negociações, acordos e também conflitos que precisam de soluções e mediação. Somos muito convictos de que é importante cada um poder exprimir sua opinião, encontrar quem o escute, encontrar quem discorde, ou não encontrar, mas encontrar alguém que principalmente escute. Nós acreditamos que também para as crianças precisamos ter aberta essa possibilidade de dizer, imaginar, pensar. Essa é a base da democracia, que está presente em nosso pensamento pedagógico. É essa nossa proposta pedagógica que se apoia nessa ideia de democracia, que se estende aos adultos. Enfim, é garantir essa possibilidade de exprimir uma opinião, seu pensamento, para que se possa construir situações, experimentos, soluções para todos. Esse é nosso grande exercício de democracia. Portanto... essa democracia, acreditamos, tem uma estreita ligação com a cidade, tem sempre um estreito desejo de dialogar com nosso prefeito, por meio de nossos diretores. Essa é uma possibilidade de dialogar em diversos níveis que apresentar ao prefeito nosso pensamento sobre política escolar. Nós entendemos que a decisão é dos administradores, mas que com essa ampla possibilidade de consulta podemos influenciar as decisões e promover uma decisão negociada e concordada. (PEDAGOGISTA B, 2009).

Dessa forma, avalia-se que a experiência da gestão social na Itália se assemelha com a proposta da gestão democrática apresentada na legislação educacional brasileira em vigência, porém, a realidade italiana já conta com um percurso de mais de 30 anos e é preciso considerar a política, cultura e história daquele país.

Para os italianos, segundo as respostas apresentadas, participar é mais que estar dentro do grupo ou da instituição, é mais que fazer a sua parte. Para eles, é preciso fazer juntos, é preciso construir uma prática coletiva, que propicie a construção de uma nova comunidade; primeiro no espaço da escola, estendo-se para a cidade como um todo.

Outra questão que merece atenção nesse momento é que, mesmo com uma história e um percurso relativamente consolidado de gestão social e participação das famílias nos serviços de infância, atualmente os educadores estão sentindo um recuo no movimento, na disposição de participar, principalmente nos grandes centros. O individualismo já é sentido e está enfraquecendo a cultura da participação das famílias nas creches e nas escolas de infância.

Assim, pode-se afirmar que a experiência de gestão social dos serviços para infância da Itália pode oferecer indícios claros de como construir uma prática democrática no interior da escola, mas que transcenda seus muros. Porém, não se pode esquecer que a simples transposição das práticas italianas para a realidade brasileira não é possível, dado o contexto dessas duas realidades diferentes. Também porque não seria nada democrático impor práticas importadas; precisamos aprender com a experiência italiana que ouvir, acolher, preocupar-se com o outro, construir as próprias experiências é a melhor forma de ser democrático. Pois como afirma Paro (2008, p.17), “a participação da comunidade na escola, como todo processo democrático, é um caminho que se faz ao caminhar [...]”.

Galardini (2003b) afirma que é importante ressaltar que *fazer juntos* permite participar com real envolvimento no projeto educativo, como, por exemplo, na criação de um espaço para jogos ou na preparação de pequenos espetáculos que, na realidade, correspondem à proposta educacional em torno da qual converge a troca recíproca de conhecimentos sobre a criança que os educadores e os pais realizam.

Experiências partilhadas criam um ciclo virtuoso que enriquece a todos. Dessa forma, esses eventos são também importantes para permitir o intercâmbio entre os pais. Nascem entre eles a solidariedade e a amizade, sentem-se parte de uma pequena comunidade, partilham experiências, podem experimentar que a solidariedade existe. (GALARDINI, 2003b, p.170).

Nas creches, tanto a criança como a família têm a oportunidade de vivenciar o crescimento na perspectiva da socialização.

Na visão de Galardini (2003b), é preciso muita determinação e sensibilidade por parte dos educadores para envolver os pais nos diferentes projetos, uma vez que envolver os adultos não é fácil, pois, na realidade social atual, as famílias estão centradas nos espaços privados e

não orientados para a partilha e a participação. Exige-se dos profissionais que trabalham nos serviço para a infância um gerenciamento atento das situações e, especialmente, uma vontade de viver com competência e entusiasmo o seu papel. Cada situação deve ser preparada com cuidado; não se podem improvisar encontros de grupo, momentos de festa ou projetos de trabalho. É importante que não se rotule os pais das crianças como desinteressados, mas busquem-se

[...] outras formas de participação, em especial aquelas em que as crianças estão diretamente envolvidas, o que, talvez, seja o meio pelo qual as famílias se sintam mais “seguras” ou mais à vontade para participar. Isso denota uma percepção do que talvez pareça óbvio, mas que frequentemente passa despercebido: trata-se de compreender que as pessoas, crianças ou adultos, ainda que pertencentes a um mesmo grupo social, não são todas iguais, embora tenham os mesmos direitos, o que pressupõe a necessidade, se não a obrigação, de que aqueles que prestam serviços, especialmente no setor público, encontrem formas de garantir os direitos sem desrespeitar as características e necessidades particulares de cada um. (CORRÊA, 2006, p.24).

A participação vai se construindo também por meio da atenção aos aspectos organizativos, significando preparar para cada situação um convite, organizar bem o espaço para que os adultos se sintam à vontade, utilizar material adequado de documentação para que os pais possam perceber que a presença deles é importante e esperada.

Os pais, quando entram na creche, devem se sentir antes de tudo em um lugar que pertença a eles, que considerem significativa a presença deles, mas devem também estar disponíveis para compartilhar partes de si e de sua afetividade nas situações cotidianas de troca, dar uma contribuição pessoal ou ter o desejo de realizar e aproveitar as oportunidades que emergem da condição de estarem juntos.

Os relacionamentos entre os diversos trabalhadores do serviço são importantes: a colegialidade, a cooperação e o diálogo são modalidades de relação que definem a profissionalidade de quem trabalha em um serviço educativo e são comportamentos que conferem um sinal positivo à sociabilidade da pequena comunidade que é a creche.

Para Galardini (2003b), a relação de confiança entre os pais e os educadores de referência é a base para se abrir as trocas mais alargadas, como prazer de fazer juntos qualquer coisa de útil pelas crianças.

Os educadores buscam uma contribuição prática de cada pai e de cada mãe para vida da comunidade, através, por exemplo, da construção coletiva de peças de mobiliário, de equipamentos para os pátios de recreio e de brinquedos. Ainda mais importante do que isso, espera-se que os pais interajam com os educadores, de várias maneiras, todos os dias. Esses intercâmbios sociais são muitas vezes ocasiões bastante positivas e úteis, pois ajudam a construir relacionamentos mais significativos e trazem vida e cor para a creche. Muitas vezes, os pais trazem à creche pequenos brinquedos e comida, assim como às vezes as crianças também levam alguns presentes para casa. Cada oferecimento é uma expressão simbólica do valor que cada uma das partes dá ao intercâmbio. Esses pequenos presentes envolvem tanto a quem dá quanto a quem recebe, e o intercâmbio garante a reciprocidade que une a comunidade. (GALARDINI; GIOVANNINI, 2002, p.127-128).

A construção do relacionamento escola-família é a base da cultura de participação, pois educadores e pais afirmam que, para participar, é preciso conhecer, e para conhecer é preciso que a escola esteja aberta.

Nos serviços para a infância do município de Pistoia, a participação das famílias assumiu uma série de importantes significados. O primeiro deles é o direito e o dever dos pais de estarem presentes nos momentos de decisão e de planejamento que definem o perfil de um serviço para a infância compromissado, conquistado e considerado patrimônio de todos os cidadãos. Assim, a legislação pistoiense prevê, no art. 11 do Regulamento dos serviços municipais para primeira infância:

O município fornece a todas as famílias potencialmente interessadas informações detalhadas sobre os serviços ativos e aqueles que estão sendo ativados a fim de:

Promover o acesso aos serviços;

Verificar continuamente a correspondência entre a demanda e a oferta de serviços.

Esses objetivos são perseguidos por meio da divulgação de informações e material documental, mediante aviso público, inclusive pela mídia, visitas diretas nos serviços a outras iniciativas específicas de vários tipos. (PISTOIA, 2003, p.13).⁷

O regulamento pistoiense ainda aponta, no art. 13, que

2. A participação das famílias é realizada pela organização de iniciativas de envolvimento na vida de serviço e promoção de iniciativas culturais inerentes às atividades dos serviços, com o conceito de transparência do projeto pedagógico do serviço educativo e a participação plena e completa da família na sua elaboração e realização. (PISTOIA, 2003, p.13).⁸

Para a experiência pistoiense, um projeto educativo e cultural de qualidade objetiva superar um isolamento perigoso gerado pelo clima social atual. Por isso, tem havido grande compromisso partilhado com as comissões de gestão das escolas para fazer dos serviços educativos um *espaço público* com a finalidade de reforçar a cidadania ativa por meio das trocas e do diálogo. De fato, são espaços onde se oferece e se consome aquilo que vem definido como bom relacionamento; bom porque nele as pessoas se enriquecem gratuitamente, como, por exemplo, no debate sobre um projeto ou uma experiência.

Por meio da participação das famílias na escola, segundo Ghedini (1993), é preciso fortalecer o debate sobre a necessidade de um alargamento dos espaços para o exercício da democracia, e não apenas para os usuários dos serviços, mas de forma geral na redefinição das relações entre as instituições públicas e a sociedade civil. A responsabilidade dos cuidados e da educação das crianças pequenas é uma responsabilidade que afeta a sociedade como um todo e, portanto, requer presença ativa não só de entidades privadas, como o caso da família, mas de entidades públicas.

A participação na escola possibilita aos pais, segundo Catarsi (2008), colaborar com a vida da escola e ter experiências diferenciadas que marcam a vida de todos os envolvidos. A participação dos pais na escola não é somente uma contribuição para a vida democrática da instituição, nem só um melhoramento das questões de organização, mas principalmente uma possibilidade de emancipação humana.

Quanto ao tema, Malaguzzi (1971, p.141-142) afirma que,

[...] refletindo sobre a experiência de Módena e Reggio Emilia, penso que ambos reconhecem o quanto importante são a participação dos cidadãos, dos trabalhadores, dos partidos políticos e das instituições democráticas que foram possíveis graças a um grande e demorado movimento de mobilização e lutas, que perceberam na presença de todos esses agentes na escola não só a rápida expansão do serviço, mas a defesa da pesquisa e a garantia da manutenção de sua identidade cultural e política.

Em Reggio Emilia, a participação dos pais está prevista no regulamento das escolas municipais. Esse regulamento define a participação como o valor e a estratégia que qualificam o modo das crianças, dos pais, dos educadores fazerem parte do projeto educativo da escola. É uma estratégia que deve ser construída dia a dia (REGGIO EMILIA, 2009). Considerando a premissa de respeito às cem linguagens da criança, segundo Malaguzzi (1971), a atividade cultural com diferentes formas de expressão é entendida como uma forma de promoção da participação.

Participação valoriza e se vale das cem linguagens da criança e do ser humano, entendido como uma pluralidade de pontos de vistas e culturas, requer e promove formas de mediação cultural e está dividida em uma multiplicidade de oportunidades e iniciativas para a construção do diálogo e da sentimento de pertença à comunidade humana. (REGGIO EMILIA, 2009, 11).

Diante do exposto, acredita-se que os eventos *Cantiamo: per La gioia di cantare insieme* (Pistoia) e *ReggioNarrra* (Reggio Emilia) são ricas oportunidades de participação da família que começam na escola, chegam aos espaços públicos do município e têm um efeito positivo no processo participativo e formativo da comunidade escolar. Segundo dados obtidos por meio das entrevistas, pode-se perceber que os educadores das referidas cidades apresentam esses eventos como importantes momentos de inserção da família na vida dos serviços para primeira infância, mas os pais também reconhecem essa importância, como poder-se-á verificar adiante.

***Cantiamo: per la gioia di cantare insieme* (Pistoia)**

Esse evento acontece na cidade de Pistoia, que tem na sua história a presença muito forte da música. Na cidade, entre o século 18 e início do século 20, viviam duas famílias de artesãos que produziam órgãos de transmissão mecânica de altíssima qualidade. “A Fundação Acadêmica de Música Italiana para Órgão promove ainda hoje essa cultura musical por meio de atividade de iniciação, concertos, cursos, publicações. [...] A Academia colabora com a Universidade de Florença em curso de formação musical.”⁹

Outra instituição que promove a cultura musical da cidade é a Escola Municipal de Música e Dança *Teodulo Mabellini*, fundada em 1858,

inicialmente voltada ao ensino de violino e outros instrumentos de cordas. Em 1942, as atividades foram ampliadas para a prática do canto. Houve uma reformulação nas atividades e, em 1979, a escola assumiu a formação de músicos profissionais, mas ainda oferece curso livres para quem deseja apenas complementar sua cultura pessoal.

Há, ainda, o *l MÈLOS*, um espaço da música, lugar destinado a receber todo tipo de atividade musical e acolher iniciativas culturais de interesse público. O movimento musical na cidade é muito intenso.

A banda *Filarmonica Borgognoni* foi fundada em 1813. Atualmente, além da própria banda, oferece formações para vários gêneros musicais (clássico, ópera, pop, jazz, medieval, renascentista, barroco, contemporâneo). A *Filarmonica Borgognoni* colabora também com outras manifestações artísticas como dança, coral e teatro no município. Com essas instituições musicais, a identidade musical da cidade é reafirmada, embora atualmente outras manifestações artísticas também tenham grande espaço na sociedade pistoiense.

Os educadores valorizam a herança cultural da comunidade, bem como as diversas formas de cultura da cada família que chega à comunidade. Essas tradições familiares incluem aspectos narrativos e simbólicos, além de eventos factuais. (GALARDINI; GIOVANNI, 2002, p.130).

Assim, o *Assessorato all'educazione e alla formazione*,¹⁰ em particular a divisão de educação infantil, aproveitando a vocação musical da cidade, promove todos os anos, no início da primavera, o evento *Cantiamo: per La gioia di cantare insieme*.¹¹ O objetivo do evento é envolver a família (pais, mães, avós, irmãos) na escola para partilharem momentos de aprendizado musical, convivência e celebração do início da primavera. Além disso, acredita-se que a participação nesse tipo de atividade gera um interesse mais afinado pelo dia-a-dia da escola e, consequentemente, a disposição em participar na gestão social da escola, como relata uma professora de Pistoia:

Esse ano, nosso *Assessorato* organizou vários eventos em nossa cidade, em várias estações. E nosso *Assessorato*, de modo particular, no início da primavera, envolveu-nos naquela ocasião em um movimento de organização de um coro. No final, foram cinco coros que cantaram em várias partes da cidade. Segundo nós, esse é um aspecto importante de como fazer a gestão social. Esse modo de fazer gestão social acontece também fora, portanto, não é só dentro do serviço, mas além dele. (PROFESSORA A, 2009).¹²

Há uma crença de que o desenvolvimento desse tipo de atividade constrói a consciência de grupo, o compromisso com o outro, qualificando a participação na gestão social da escola transcendendo os limites físicos da escola.

Foram cinco corais organizados em cinco regiões diferentes da cidade, tendo como referência uma escola de educação infantil. Considerando toda a atividade musical da cidade, em todas as escolas havia alguma pessoa com conhecimento musical e que se dispôs a contribuir na formação dos cantores e nos ensaios. Nesse momento, *pedagogistas, professores e funcionários da escola passaram a fazer parte do grupo como aprendizes.*

Os coros se preparam e, no mesmo dia e horário, mas em diferentes locais da cidade, cada coro se apresentou para sua respectiva comunidade. As apresentações aconteceram em locais que os próprios membros do grupo buscaram para a apresentação final. Em 2009, os espaços escolhidos foram: Escola de música e dança *Teodulo Mabellini*, Espaço da *Filarmonica Borgognoni*, *Banda comunale de Pistoia*, *Villa Baldi Papini* e *Areabambini*. O repertório também foi definido pelo próprio grupo. Algumas crianças acabam participando ativamente dos ensaios, gerando um estreitamento dos vínculos entre crianças e adultos.

Para os educadores de Pistoia, a gestão social é uma possibilidade mais ampla de participação no interior da escola. Assim, a pegagista afirma que as possibilidades de participação

[...] são diversas. Uma na comissão de gestão no interior do serviço, mas tem outras possibilidades conforme a necessidade sentida pelo próprio grupo. Pode ser uma forma de reivindicar o que a escola necessita fisicamente, mas também de desenvolvimento de alguma coisa juntos. Por exemplo: a comissão de gestão do *LagoMago* se uniu com o comissão de gestão da escola *ParcoDrago* para fazerem juntas a apresentação da Primavera. (PEGAGOGISTA A, 2009).

A professora corrobora a afirmação acima quando diz que,

por gestão social, se entende uma situação mais alargada [...]. Na festa dos cidadãos organizada na cidade. Ou quando o museu está aberto, como por exemplo, em outubro, e os pais colaboraram conosco na visita ao museu, são tantos aspectos. (PROFESSORA A, 2009).

Assim, os educadores pistoenses criam um clima favorável à participação na escola que transcende e vai além das paredes da escola.

Além da questão da participação, o evento *Cantiamo* também contribui para a compreensão das culturas infantis partindo da maneira como as crianças recebem e interagem com as formas culturais produzidas para elas pelos adultos, assim como pelas manifestações culturais produzidas pelas próprias crianças. Segundo Beineke (2008), é nas trocas entre culturas geradas, conduzidas e dirigidas pelos adultos para as crianças e culturas construídas nas interações entre as crianças que se constituem os mundos culturais da infância. Enfim, é fundamental entender a autonomia das crianças em relação aos adultos, considerando que a identidade das crianças é também a identidade cultural, ou seja, é a capacidade que as crianças têm de construir culturas não redutíveis totalmente às culturas dos adultos. Nesse sentido, o referido evento produz cultura infantil. E, finalmente, participação e cultura infantil se entrelaçam por meio da música.

ReggioNarra: la città delle storie (Reggio Emilia)

Outro evento que fomenta a participação na escola é o *ReggioNarra*, que acontece em Reggio Emilia anualmente, normalmente no mês de maio ou junho, e está na oitava edição em 2013. Esse evento começou no interior da escola com o propósito de aproximar pais e filhos, fornecendo aos genitores subsídios necessários para contar histórias. Por meio de oficinas e laboratórios, os pais vivenciavam a experiência da contação de histórias na escola. O evento principal é precedido pelo evento *La notte dei racconti*,¹³ no qual as famílias são estimuladas a contar histórias em suas próprias casas e, se desejarem, convidar outras famílias para juntos partilharem histórias. Normalmente, esse evento acontece no mês de fevereiro, no último sábado, às 21 horas. O lema do evento é “uma onda de narração, uma multiplicação de vozes, que repercutirá pelas ruas de Reggio Emilia.” Esse evento é considerado uma prévia do grande evento, pois

contar histórias é também um gesto de carinho para com as crianças, encantá-las proporcionando momentos de muita ludicidade é possibilitar a viagem a diversos mundos onde a criança ampliará sua capacidade de imaginar,

criar e vivenciar momentos novos e aprender. (GONÇALVES; ANTONIO, 2007, p.7-8).

ReggioNarrá é um evento que tem como atividade principal a contação de histórias, mas atualmente tem envolvido outras linguagens artísticas. As contações acontecem em diferentes lugares da cidade durante um final de semana. Muitos dos contadores são pais e familiares dos alunos da escola educação infantil do município. Esse evento passou a fazer parte do calendário oficial da cidade, conta com a participação de artistas renomados e tem grandes proporções na cidade, sendo apresentado pela imprensa local como: “A cidade da história”.

Os educadores regginianos afirmam que o evento é a porta de entrada para a participação na escola.

Nós, há diversos anos, organizamos vários eventos na cidade, que começam na escola com laboratórios e terminam na cidade. São situações nas quais os pais podem colocar à disposição suas competências. Um exemplo é uma mãe, que é atriz, que colocou à disposição sua competência, fez com os pais uma oficina de contação de história. Neste ano, tivemos um monte de inscrições e os pais fizeram um percurso de formação para contar história. E eles se transformaram em contadores de história dentro da escola, na ocasião da festa de Natal, na festa das crianças, e assim eles foram se exercitando. Depois fizemos um grande evento, o *ReggioNarrá*, que consiste em um domingo no qual a cidade se transforma num lugar de contar histórias e são os pais que contam histórias em diversos lugares da cidade. Essa é a ligação entre a escola e a cidade, por meio da escola a cidade se enriquece, é uma dinâmica muito interessante. (PEDAGOGISTA B, 2009).

Esse relato demonstra como a escola pode dar aos pais dos alunos a oportunidade de participar e de se colocarem à disposição da comunidade escolar, primeiramente da maneira como se sentem mais seguros, fazendo o que já sabem, já dominam. Entretanto, esses eventos também oferecem oportunidade aos pais que não se sentem muito hábeis de serem formados para isso. Por meio da participação nesses eventos, esses pais sentem-se acolhidos e buscam retribuir essa oportunidade, como se percebe no relato a seguir:

Bem, eu estou aqui em Reggio Emilia há poucos anos. Quando cheguei, tinha me transformado em mãe há pouco. Estava sozinha aqui com uma criança pequena. Procurei uma creche e fui ao primeiro colóquio com a pro-

fessora e ela disse que havia várias possibilidades de participação e, para mim, que era sozinha, poderia fazer amizades e realizar alguma coisa legal. Então comecei a participação e me envolvi no projeto *ReggioNarrar*. No primeiro ano, fizemos muitas oficinas para aprender a contar histórias e eu me exercitei com a minha menina e, na escola, fui descobrindo coisas sobre mim que eu nem acreditava. A cidade me acolheu por meio da creche, senti-me bem, fazia parte de tudo. Mas tive um pouco de receio de participar do evento *ReggioNarrar*. Esse ano participei e foi maravilhoso! Foi minha oportunidade de retribuir para a cidade tudo que ela fez por mim. Agora me sinto cidadã, agora sou regginiana. Faço parte da cidade e a cidade faz parte de mim, é um verdadeiro projeto de cidadania, isso! No próximo ano, mais segura, quero dar tudo que posso para a minha cidade! (MÃE A, 2009).¹⁴

Percebe-se, nesse relato, que a participação na escola ultrapassa seus murros e invade a cidade. Primeiro, possibilitando aos pais perceberem que as instituições públicas estão abertas à participação; é necessário salientar que essa é uma característica da cultura italiana. Segundo, a escola é espaço de formação não só das crianças, mas também dos genitores. Terceiro, a escola pode se apresentar à sociedade por meio de sua atividade principal, a promoção da cultura e do conhecimento. E, finalmente, a escola pode promover a consciência cidadã, não somente para as crianças, mas também para os adultos.

Discutindo o vínculo entre arte, cultura e participação

A participação nas escolas de educação infantil da região da Emilia-Romagna apresenta uma veia cultural muito forte, por isso esses eventos marcam fortemente a inserção da família na escola de educação infantil, pois o ambiente de origem das crianças tem repercussão direta em sua vida escolar, uma vez que

[...] o conhecimento do ambiente cultural e de suas tradições, integrando-se com atividades próprias de outros campos curriculares, permite também desenvolver a relação com o passado pela reconstrução de eventos relacionados com a criança. Uma importante experiência educativa nesse sentido é representada pela participação de eventos significativos da vida social e da comunidade. É preciso também desenvolver, no plano comunicativo, prático e das relações a capacidade de compreender as necessidades e as intenções dos outros e de tomar interpretáveis as suas próprias, de superar o seu exclusivo ponto de vista, de aceitar as diversidades (em particular aquelas

ligadas a inabilidades físicas e mentais) e de assumir de modo autônomo papéis e tarefas. (FARIA, 1995, p.93).

As atividades culturais não se restringem aos eventos mencionados neste artigo, muitas outras atividades são desenvolvidas.

Por exemplo, podemos fazer noites de trabalho para construir alguma coisa para as crianças ou para fazer alguma coisa relativa a algum projeto que as crianças estão desenvolvendo. Uma vez as crianças projetaram um parquinho ao lado da escola e os pais o construíram a partir do projeto das crianças. As crianças fizeram os modelos e os projetos. Bem, esse é um momento de conhecimento sobre as crianças. A escola precisa criar momentos ricos para os pais. (PEDAGOGISTA B, 2009).

Outra atividade foi um

[...] laboratório de cozinha foi realizado pelo nosso cozinheiro para pais que não sabiam cozinhar o que os filhos gostam de comer e aprenderam a cozinhar. Outro laboratório foi um jardim/horta que, neste momento de crise do meio ambiente, foi um tema muito requisitado pelos pais. Não foi só para os pais, mas para os pais e os filhos juntos. Já haviam feito isso em sua casa, mas não na escola com as crianças e para as crianças. Tudo isso é feito com os pais, mas para as crianças que têm uma experiência concreta da corresponsabilidade da escola e dos pais na educação das crianças. Assim, esses eventos não são exclusivos da creche e da escola, são oportunidades alargadas dentro da cidade. (PEDAGOGISTA B, 2009).

Na experiência italiana, a comunicação é a principal estratégia de estímulo e promoção da participação dos pais na escola, pois apresenta a vida da escola aos pais. A documentação é uma estratégia de comunicação que promove a formação educativa dos pais, visto que ensina sobre seus próprios filhos. Essa documentação é elaborada pelas educadoras com base nas atividades desenvolvidas diariamente com as crianças; são relatos das experiências mais significativas que apresentam aos pais a dinâmica do grupo e a importância das atividades desenvolvidas para o desenvolvimento infantil. Os professores acreditam que a divulgação dessa documentação é importante para a promoção da participação, porque ninguém participa daquilo que não conhece.

Para nós, a participação que buscamos é sempre incentivar a participação dos pais no projeto educativo. Procuramos fortalecer a participação na ati-

vidade educativa. Por exemplo, na documentação semanal que fazemos para restituir o andamento do grupo de crianças, temos procurado dar uma cópia para a família, para que, ao final da semana, ela possa saber o que aconteceu com o grupo de crianças. Nesse documento não se fala de cada criança no singular, mas do grupo. Mostra-se um pouco o percurso do grupo, digo que desse relato nasce a colaboração dos pais. E isso se transformou numa forma interativa de comunicação. Delineia-se, durante uma semana, um bom percurso, um projeto daquilo que aconteceu. Os pais voltam, perguntam e comentam que entenderam por que a criança falou determinada coisa em casa. Tem coisa que não dá para contar à família na entrada ou na saída, precisa de algo a mais para contar um evento significativo de um dia, por isso a documentação semanal nos serve muito para contar à família um pouco do que é o centro do nosso fazer. Portanto, o fato de eles saberem aquilo que fazemos pontualmente dá a oportunidade de estarem mais dentro de nosso projeto educativo, dentro da nossa história de todo dia. E isso é uma bela forma de participação. [...] A documentação ajuda, mas a relação professor-pai é fundamental. É importante construir dia a dia; é na relação cotidiana que se constrói um relacionamento que pode fazer o pai participar e se sentir importante num projeto e na vida escolar. (PROFESSORA A, 2009).

Outro aspecto interessante é a participação apresentada como um processo que favorece a pessoa que participa, além do coletivo, mas, por meio da participação, a pessoa pode fazer amizade, adquirir conhecimentos, aprender alguma atividade.

Percebe-se que a participação na escola pode ser via para uma participação social mais ampla. Verifica-se que a escola acaba educando não só a criança, mas também os adultos que se dispõem a participar. Nesse sentido, foram promovidas atividades de formação voltadas aos pais no sentido de ajudá-los a refletir sobre a melhor forma de educar uma criança.

Esse ano nós realizamos de forma mais sistematizada, também, encontros entre os pais que estavam interessados em conhecer pessoas provenientes de outras partes do mundo que vêm aqui trazer informação. Encontramos pessoas que vieram da Alemanha, Nova Zelândia e Suíça para falarem sobre problema do bilinguismo, para contar como suas escolas tratam as crianças provenientes de outros países e falam outras línguas. Essa oportunidade se mostrou como uma atividade muito interessante de trocas de experiência, pois a experiência dos outros países fez nossos pais reverem algumas conceções de aprendizagem. Encontramos educadores da América do Sul e professores do Brasil e do México. Conhecemos uma série de estratégias, pensamentos e ações acerca da questão. (PEDAGOGISTA B, 2009).

Assim, os educadores acreditam que a escola deve propiciar novos conhecimentos aos pais, para que eles possam se sentir alunos da escola também. Eles utilizam cotidianamente a expressão: *nossos alunos são as famílias*, ou seja, há uma preocupação em acolher não só as crianças, mas também toda sua família, pois

para alcançar um trabalho pedagógico competente, consideramos importante favorecer a adultos e crianças das instituições de Educação Infantil uma vivência artística e cultural ampla e diversa, capaz de resgatar a capacidade criadora de cada um, de desenvolver a expressão artística, de aprimorar a sensibilidade, além de aprofundar saberes práticos e teóricos sobre arte. (MOURA, 2006, p.59).

Esse vínculo recebe bastante atenção dos educadores italianos de primeira infância, uma vez que

[...] a escola é um espaço constituído por diferentes sujeitos com histórias e experiências de vida distintas, onde a diversidade de interesses facilita o surgimento de conflitos que, quando mal mediados, pode inviabilizar o diálogo entre educadores e educandos. [...] O trabalho com as diferenças culturais, corporais e cognitivas pode denotar uma multiplicidade de metodologia de ensino da arte que favoreça uma aprendizagem mais significativa. [...] Por essa razão, destacamos a escola como espaço situado na dinâmica cultural, onde as transformações sociais se refletem nas relações humanas presentes nas práticas pedagógicas. (CANDA; BATISTA, 2009, p.113-114).

Como consequência, postula-se que as experiências da participação na escola têm início nas relações mais simples e corriqueiras, mas, apesar de simples e corriqueiros, cada evento, encontro, comunicado é preparado e esperado com muita atenção e cuidado.

[...] Antes mesmo que seus filhos entrem na escola, já são realizados vários encontros, momentos de envolvimento e de partilha que a creche e a escola promovem para acolher não só a criança, mas também para acolher a família. E a família acaba por dedicar pensamento e atenção por ter sido ouvida no diálogo com a escola. Assim, cada escola promove no seu interior momentos de encontros para falarem das crianças, de seus anseios, de suas competências, expectativas, sonhos, e projetos. Também são promovidos encontros específicos de cada turma para que os pais possam falar das crianças. Encontro de grupo de pais para juntos consolidarem as relações. Os pais jovens podem conversar com as professoras, ler a documentação

sobre as atividades desenvolvidas pelas crianças, podem estar com elas para se sentirem mais seguros na educação dos seus próprios filhos. (PEDAGOGISTA B, 2009).

A preocupação em acolher a família, em vez de acolher somente a criança, gera nos educadores a disposição de oferecer informações necessárias aos pais, para que promovam a educação de seus próprios filhos. Quando as famílias sentem-se acolhidas, ficam motivadas a retribuir.

A participação é uma estratégia, mas é também um valor que nasce nas pequenas relações cotidianas que você tem na sua creche e na sua escola, que se alarga e atinge uma dimensão muito larga, sem jamais perder alguém e se mostra uma experiência muito importante. (PEDAGOGISTA B, 2009).

Dessas respostas, pode-se aferir que o entendimento de participação é bastante amplo, mas o elemento essencial, para os italianos entrevistados, é o sentimento de pertença, tanto para pais, como para os profissionais da escola; as pessoas precisam sentir-se parte. Não basta estar dentro, é necessário ter a disposição para participar, de *con dividere*¹⁵ as experiências e o conhecimento com sabedoria e sensibilidade. Quem participa deve ser alguém disposto a dar, mais do que receber, por isso participar é um valor. Valor no sentido de ser parte, útil; não é suficiente estar presente, é necessário, também, estar junto, pensar coletivamente, deixar seus interesses pessoais em segundo plano para trabalhar com afinco em favor do bem comum. Essa concepção se confirma com a definição apresentada durante a realização das entrevistas.

É mais do que estar presente, é um ato político. Porque se trabalha buscando o bem de todos, precisa abrir mão dos interesses pessoais para buscar concretizar os objetivos da coletividade. Além disso, estar em constante confronto com a administração pública. (PROFESSORA A, 2009).

A frase muito comum em nossos dias – “cada um deve fazer sua parte” – não satisfaz o conceito de participação na perspectiva italiana, pois não basta fazer a sua parte, é preciso fazer junto, preocupar-se com o coletivo. Nesse sentido, aparentemente, o discurso dos entrevistados italianos sobre a participação aponta a participação do sujeito em todas as etapas do processo de gestão da escola e visa à emancipação do sujeito no interior do coletivo ao qual pertence.

Esse conceito traz um elemento importante da cultura de participação da Itália, o sentimento de pertença, ou, sentir-se parte. Esse conceito amplia a ideia de participação, visto que participar é, também, partilhar.

Participar significa *condividere*.¹⁶ Significa [...] a *condivisione*, para mim, é uma modalidade de participação. Porque a participação pode ser em vários níveis. Se não é ativa, para mim, não existe. É o fato de o pai se encontrar na condição de fazer, em primeira pessoa. Que decide participar plenamente, fazendo-se criança, pois a criança não se contenta em participar só por estar dentro, mas a criança participa, pode-se participar ativamente. Pode-se controlar. Pode-se estar dentro. Certamente, cada um ao seu modo, mas estar dentro. Portanto é *condivisione*. Portanto é participação ativa. Participação não é uma palavra, é um ato prático. Participação, para mim, faz parte do cotidiano. Se está dentro, deve participar. (PEDAGOGISITA A, 2009).

A mesma entrevistada completa: “Mas participar não significa só entrar e sair. Significa propriamente saber o que acontece, colocar-se com sabedoria diante das coisas que vem” (PROFESSORA A, 2009).

Para os italianos entrevistados, participar é mais do que estar dentro do grupo ou da instituição, é mais do que fazer sua parte. Para eles, é preciso fazer juntos, construir uma prática coletiva, que propicie a construção de uma nova comunidade; primeiro no espaço da escola, estendo-se para a cidade como um todo.

Salienta-se que, mesmo com uma história e um percurso relativamente consolidado de gestão social e participação das famílias nos serviços de infância, atualmente, os educadores estão sentindo um recuo desse movimento, ou seja, da disposição de participar, principalmente nos grandes centros. O individualismo já é sentido e está enfraquecendo a cultura da participação das famílias nas creches e nas escolas de infância, embora ainda não haja pesquisas que comprovem esse movimento, essa realidade é percebida por alguns educadores, principalmente nos grandes centros, como Milão e Turim¹⁷, nas escolas da região da Emilia-Romagna, em especial nas realidades analisadas, a participação da família na escola da primeira infância ainda se mantém, mesmo que, com um pouco de variação, como relata uma pedagogista.

A participação sempre mudou! Como se diz: em outro tempo era assim, agora é de outro modo. Por quê? De uma parte, sente-se a falta do que era antes. O aspecto social e cultural mudou muito na Itália de hoje. Houve uma perda muito grande do senso de participação, porque a política não chama mais os cidadãos para discutir. Porém, tem muito um aspecto subjetivo, nós vemos em nossa escola que a cada ano temos que fazer um grande esforço para promover a participação. Então podemos dizer: “*Mama mia*, os pais participam pouco! São pouco ativos!” Mas talvez no ano seguinte, teremos um grande envolvimento, uma grande presença. Por um lado, é difícil dar uma resposta, pois se perdeu um pouquinho isso como categoria. Seguramente, hoje temos menos hábitos de participar. A política não chama os cidadãos para essas situações de participação. Nossos pais vivem essa experiência de não participação, porém, esse é um estímulo, pois se encontra um lugar onde pode participar, colocam-se no processo com entusiasmo. É claro que muda muito, precisam de atenção. Quando os pais começam sua experiência de participar na escola concentrados em seus filhos, inicialmente, têm um pouco de dificuldade de olhar e observar o contexto e o grupo. Talvez quando começou a experiência de participação em meados de 1970, eles já olhavam o contexto e o grupo, pois isso sempre que se fala de participação precisa-se partir do contexto que se tem. (PEDAGOGISTA B, 2009).

Por falar em contexto, Reggio Emilia, assim como a maioria das cidades italianas, tem um grande desafio a vencer:

Outro aspecto que estamos trabalhando muito nos últimos anos é a incidência da imigração. Enquanto cidade, há alta taxa de imigração de muitíssimos países, temos mais de cem países do mundo representados em nossa cidade. [...] Nós estamos enfrentando um encontro com culturas diferentes, e, portanto, diferente da ideia de escola, de criança, de participação, e assim precisamos de outro modelo de sistema escolar. Esse é o nosso desafio agora. Porque uma parte dessa diferença causa uma queda no número de presença, não entendem a importância disso. E nós precisamos entender que muitas vezes não têm carro, têm horário de trabalho diferente, não permitindo a participação deles. Assim precisamos pensar em como convidar, como mostrar que são importantes, como fazê-los entender. Essa é uma realidade nova para nós também, é diferente de tudo que tínhamos conhecido até então. Muitas vezes, precisamos de intérprete, de uma mediadora cultural que converse antes com a família para informar sobre a escola e a família. Esse é nosso desafio: atender essa grande pluralidade de família. (REGGIO EMILIA A, 2009).

Pode-se concluir que a gestão social é uma prática consolidada nas escolas de educação infantil da região da Emilia-Romagna, mas sofre a ameaça dos valores da sociedade contemporânea, em especial, o individualismo e a competitividade, que está gerando atitudes individuais e pouco comprometidas com o coletivo. Além disso, o fluxo migratório, também, tem se apresentado como um desafio para a educação infantil italiana. Diante desse contexto, a cultura da participação na escola precisa receber o cuidado necessário para que as famílias sintam-se acolhidas, mas, mais do que acolhidas, sintam-se parte, tenham o sentimento de pertença cada vez mais concretizado. E, assim, a participação não se resuma ao fato de estar presente, mas que seja uma presença que deixe marcas.

Considerações finais

Considerando a tradição cultural da Itália, identificou-se que os eventos de cunho artístico-cultural são a porta de entrada para a participação familiar na escola de educação infantil; comprehende-se que não são somente eles que promovem a participação na escola, há outras estratégias para estimular e garantir a participação da família na escola, como a comunicação e o intercâmbio.

A preocupação em acolher a família é um fundamento importante na construção da cultura da participação, mas dar voz e vez de fato consolida a participação. A oportunidade de poder colocar-se à disposição da comunidade escolar faz com que os pais sintam-se úteis e responsáveis pela escola de seus filhos e pela comunidade formada a partir da escola de educação infantil.

Acredita-se que esses eventos que ultrapassam os muros da escola e invadem a cidade apresentam a escola de educação infantil como um espaço de produção de cultura e conhecimento, gerando em toda a comunidade a luta em favor da escola. Quando a administração local manifesta o desejo de realizar alguma mudança que possa prejudicar a escola da primeira infância, a comunidade se faz presente. A escola não está só, tem toda a comunidade ao seu lado, porque essa sabe que a escola, antes de tudo, é sua e é, também, um espaço de difusão de saberes culturais e científicos.

Os eventos mencionados neste trabalho geram uma autoestima positiva em todos os envolvidos e aproxima a equipe escolar da comunidade. Os professores e as pedagogas se inserem nos eventos como iguais, sem diferenciação hierárquica. Pais, dirigentes, funcionários e professores são todos iguais, buscando o êxito do evento. Às vezes, os papéis são invertidos e os pais ensinam, enquanto as professoras se colocam na condição de aprendizes.

Além disso, durante a organização e a realização dos eventos, os pais podem ser protagonistas, uma vez que muitos possuem conhecimentos específicos que os profissionais das escolas – como por exemplo, foi citada uma mãe que era atriz, ela pôde oferecer conhecimentos – provavelmente não tinham. Outro exemplo, um pouco fora da realização dos eventos, mas também significativo, foi a mãe que era professora de inglês e pôde ensinar outros pais e as professoras a falarem essa língua. Dessa forma, em momentos diferentes, todos têm a oportunidade de serem protagonistas do processo.

O conceito de participação, na perspectiva italiana, é muito amplo e complexo, pois envolve o sentimento de pertença, o desejo de partilha, a ideia de coletivo, a postura de tomar iniciativa, ser solidário, assumir com protagonismo as situações e compreender que participar é um ato político, mesmo que em âmbito mais restrito. Participar não é estar dentro de forma passiva, dando a opinião e não se comprometendo com a decisão. Participar, para os italianos, é ser cidadão, não somente para exercitar seus direitos e deveres, mas para fazer a diferença, para dar respostas às questões que o cotidiano apresenta. Nesse sentido, o conceito de participação, e, sobretudo, o de participação efetiva na Itália, é uma prática social ampla e complexa.

O sentimento de pertença é um elemento interessante, pois as pessoas demonstram que se sentem responsáveis pela escola e que esta lhes pertence, assim como eles pertencem à comunidade escolar; dessa forma, uns são responsáveis pelos outros. Um exemplo é Pistoia, onde a ideia de *trabalhar juntos* é muito difundida, como já mencionado na discussão deste artigo. Salienta-se que a prática pistoiense está alicerçada na concepção de construção dos laços afetivos e harmônicos; não considerando as contradições entre classes sociais e interesses, afirmindo que, quando essas eventualmente são apresentadas, se referem às contradições de cunho individual, de dificuldade e limitações da própria família ou dos pais.

A experiência italiana de gestão social e participação da família é importante para a educação infantil no mundo inteiro e pode dar indicativo de como os educadores e as educadoras brasileiras podem possibilitar a construção da cultura da participação no Brasil, sem, contudo, ignorar toda a história do desenvolvimento do país, marcado por traços de submissão e pela cultura colonialista.

A originalidade e a importância da experiência participativa italiana estão na sua origem: um grupo de pais que precisava de uma escola para seus filhos no período pós-Segunda Guerra e com as próprias mãos reviraram os escombros e deles retiraram o material necessário para construir a escola. A partir dessa experiência, constituiu-se todo um sistema de educação infantil baseado na participação da família.

Atualmente, na realidade italiana, percebe-se, pelos relatos de algumas entrevistadas, que há a ameaça de um declínio do interesse de participar. Nesse sentido, a Itália precisa lutar para evitar que isso ocorra, tendo em vista que o contexto político, social e econômico contemporâneo enfraquece as práticas democráticas e participativas. Reforça-se uma ideia já mencionada anteriormente: não adianta somente garantir na legislação espaços de participação e democracia, é preciso garantir as condições para que a participação e a democracia se efetivem plenamente na gestão da escola de educação infantil, esse é o grande desafio imposto à educação no Brasil para o século 21.

Para a escola de educação infantil brasileira, podemos olhar com atenção as estratégias utilizadas pelos educadores italianos, como a comunicação e o intercâmbio, a construção cotidiana da relação família-escola na perspectiva da construção do sentimento de pertença. Os educadores brasileiros precisam abrir a escola aos pais sem restrição, entendendo que eles também trazem conhecimentos importantes sobre a criança e sobre outras tantas coisas que podem ajudá-los a construir conhecimentos junto com as crianças. Acredita-se que abrir a escola aos pais e à comunidade traz muitas novidades importantes para o cotidiano educacional.

Além de abrir seus portões, a escola de educação infantil brasileira deve sair de seu espaço para ganhar os espaços públicos disponíveis nas cidades. Não é possível ignorar a construção histórica da educação no Brasil e a própria história da nação brasileira, impregnada de situação de submissão e subserviência, por este motivo que acredita-se

não ser possível a simples transposição da experiência italiana para a realidade brasileira, mas pode-se a partir da análise da experiência italiana buscar proposta de viáveis à realidade brasileira, respeitando o percurso histórico da educação no Brasil.

Para concluir as ideias propostas para este artigo, atreve-se a indicar um aspecto que não foi abordado, mas que poderá orientar reflexões futuras: a relação pais e filhos, educadores e educandos, educadores e famílias nesses eventos é real, em um mundo que propaga relações virtuais (distantes). Dessa forma, esses eventos apontam na direção do estabelecimento da relação direta entre as pessoas. Parece um aspecto que merece uma atenção mais detalhada e abordada em outra oportunidade.

Dessa forma, finaliza-se este trabalho afirmando que sim, os eventos analisados favorecem a participação da família na escola de educação infantil, porque permitem à família construir um sentimento de pertencimento e envolvimento com a equipe, com o ambiente escolar e com as crianças. Além disso, esses eventos mostram que a escola transcende seus muros para envolver a comunidade em suas atividades e afirmar sua função na sociedade, que é a difusão da cultura e dos conhecimentos.

NOTAS

- ¹ Os dados apresentados neste artigo foram coletados durante realização de estágio doutoral na Itália, financiado pelo programa PDEE/CAPES.
- ² União dos Conselhos escola-cidade de cada unidade escolar.
- ³ *Pedagogista* é uma pedagoga que atua no *Assessorato* como apoio técnico-pedagógico-administrativo a algumas escolas de uma região; é uma função muito semelhante à de supervisora de ensino. Vale mencionar que não existe a função de diretor de escola de educação infantil nas duas cidades estudadas, tendo assim a *pedagogista* uma função mais próxima do cotidiano escolar, trabalhando um dia da semana em cada escola e um dia no *Assessorato*. A principal função é fazer a ligação entre escola e *Assessorato*.
- ⁴ Conselho Municipal de Infância.
- ⁵ Reunião de todos os conselhos de escola de educação infantil da cidade.
- ⁶ A modalidade de gestão da escola de educação infantil na Itália é a gestão social, na qual família e equipe escolar administram a escola com autonomia e de forma democrática.
- ⁷ Tradução livre da autora.
- ⁸ Tradução livre da autora.
- ⁹ Disponível em: <<http://www.pistoiaturismo.it/citta.php?selSch=5&lan=ita>>. Acesso em: 18 jun. 2011. (Tradução livre da autora).
- ¹⁰ Órgão municipal equivalente às secretarias municipais de educação brasileiras.
- ¹¹ Cantamos: pela alegria de cantarmos juntos.
- ¹² Todos os trechos de entrevistas e depoimentos foram traduzidos pela autora deste artigo.
- ¹³ A noite da narração (tradução livre).
- ¹⁴ Depoimento apresentado no dia 16 de junho de 2009, na reunião do *Interconsigli*, realizada no auditório da Fundação Internacional Loris Malaguzzi.
- ¹⁵ Manteve-se a palavra original por entendê-la significativa no contexto.
- ¹⁶ Utilizou-se na transcrição da resposta a expressão em italiano, por acreditar que a expressão na língua original demonstra muito bem a ideia.
- ¹⁷ A pesquisa, em sua totalidade, conta com dados de Milão e Turim, que não são apresentados neste trabalho por não estarem diretamente ligados à temática proposta neste artigo.

REFERÊNCIAS

- BEINEKE, V. Culturas infantis e produção de música para crianças: construindo possibilidades de diálogo. *I Congresso em Estudos da Criança: Infâncias Possíveis, Mundos Reais*. Universidade do Minho, Portugal, fev. 2008.
- BRASIL. *Dúvidas mais frequentes sobre a educação infantil*. Brasília: Ministério da Educação/Coordenação Geral de Educação Infantil, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12579%3Aeducacao-infantil&Itemid=1152>. Acesso em: 23 abr. 2013.
- CAMPOS, M. M. Educação infantil no primeiro mundo: uma visão daqui debaixo do Equador. In: ROSENBERG, F.; CAMPOS, M. M. (orgs.). *Creches e pré-escolas no hemisfério norte*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- CANDA, C. N.; BATISTA, C. M. P. Qual o lugar da arte no currículo escolar? *Revista Científica da FAP*. Curitiba, v.4, n.2 p.107-119, jul./dez. 2009.
- CATARSI, E. *Pedagogia della famiglia*. Roma: Carocci, 2008.
- CORRÊA, B. C. Gestão Democrática e Participação Familiar no Âmbito da Educação Infantil. *Educação: Teoria e Prática*. v.14, n.26, p.15-34, jan.-jun. 2006.
- FARIA, Ana L.G. (org.). As novas orientações para uma escola da infância: In: *Cadernos Cedes. Grandes políticas para os pequenos*. n. 31. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- GALARDINI, A.; GIOVANNINI, D.; Pistoia: elaborando um sistema dinâmico e aberto para atender as necessidades das crianças, das famílias e da comunidade. In: GANDINI, L.; EDWADS, C.; *Bambini: A abordagem italiana à educação infantil*. Porto Alegre: ArtMed, 2002.
- GALARDINI, A. La comunità e i bambini: l'esperienza di Pistoia. In: GANDINI, L.; MANTOVANI, S.; EDWARDS, C. P. *Il nido per una cultura dell'infanzia*. Azzano San Paulo/It: Edizioni Junior, 2003a.
- _____. I Genitori nel nido: coinvolgimento e collaborazione. In: GALARDINI, A. L. *Crescere al nido: Gli spazi, i tempi, le attività, le relazioni*. Roma, It: Carocci, 2003b.
- GIROUX, H. A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, T. T. (org.). *Alienigenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais*. Rio de Janeiro, Vozes, 1995.
- GHEDINI, P. Da una politica dei servizi a una politica per l'infanzia: l'integrazione tra strategie, competenze e risorse per affermare una nuova cultura dei diritti dei bambini. In: CATARSI, E. (org) *I servizi educativi e sociali per i bambini e le loro famiglie*. Milano: Juvenilia, 1993.
- GONÇALVES, C. J.; ANTONIO, D. A. As múltiplas linguagens no cotidiano das crianças. *Revista Zero-a-Seis*, n.16. Florianópolis, SC. jun./dez. 2007.
- MALAGUZZI, L. La nuova socialità del bambino e dell'insegnante attraverso la esperienza della gestione sociale nelle scuole dell'infanzia. In: FAMIGLI, L. et al. *La gestione sociale nella scuola dell'infanzia*. Roma: Editori Riuniti, 1971. (Coleção Paideia, n.13)
- MOURA, M. T. J. *A brincadeira como encontro de todas as artes*. TV Escola/SEaD/MEC. Boletim 23. Brasília. Nov 2006.
- PARO, V. H. *Gestão Democrática da escola pública*. 3ed. São Paulo: Ática, 2008.

Recebido: 04/04/2012
Aprovado: 20/05/2013

Contato:

Departamento de Ciências Aplicadas à Educação
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Minas Gerais
Avenida Antônio Carlos, 6627
Pampulha
CEP 31270-901
Belo Horizonte | MG | Brasil